

15-10-2021

DESIGUALDADES NAS RUAS

Chiara Lages

[Bibliotecária]

Muito abalada pelas manifestações fascistas do último 07 de setembro, conferia as notícias, vejo artigo sobre a história silenciada da participação das mulheres em significativos movimentos pela independência.

A historiadora Lilia Schwarcz dizia de injustiças, interpretações desvirtuadas, minimização da importância dos feitos, e também das articulações, perspicácia e coragem das mulheres em conflitos sangrentos. Nossas irreverentes e combativas heroínas da independência são inspiradoras dos atuais movimentos das mulheres. Após o Grito do Ipiranga de D. Pedro I, os portugueses iniciaram conflitos armados para manter o Brasil como colônia. Muitas companheiras participaram da resistência brasileira, simbolizada nas lutas de três baianas.

Maria Quitéria de Jesus (Feira de Santana, 1792 - Salvador, 1853) fugiu da casa dos pais, assumiu identidade masculina e registrou-se no "Batalhão de Voluntários do Príncipe", enfrentando combates armados com atos heroicos reconhecidos por honras militares.

Madre Joana Angélica de Jesus (Salvador, 1761 - 1822) enfrentou e morreu bravamente na selvagem invasão do Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa pelas tropas portuguesas.

Maria Felipa de Oliveira (Ilha de Itaparica, 18.. - 1873), escrava liberta, marisqueira, capoeirista, desejava um Brasil livre dos portugueses que escravizaram seu povo. Atuou na inteligência, camuflada, captando e transmitindo informações. Reza a "a voz do povo" de Itaparica que, insatisfeita com a posição de retaguarda, reuniu e liderou 40 companheiras "vestidas para matar", seduzindo e levando para local distante soldados de uma frota de 42 embarcações; quando eles se despiram, aplicaram-lhes surras de cansaço¹ enquanto outro grupo queimava seus barcos. Após a vitória, as tropas da resistência adentraram Salvador em 02/07/1823. Nesse meu ofício de amante de colecionar palavras, amo compartilhar coleções de palavras e deixar a imaginação tomar carona nas asas da história, geografia, arquitetura, filosofia, artes, boemia, para refletir sobre o andar a vida na trilha dos direitos humanos... Já lhes segredai também que tenho prazeres um tanto estranhos... Além de apreciar folhear Páginas Amarelas, desde menina não resisto em me debruçar sobre a história dos nomes das ruas. Alguns coleguinhas adolescentes me achavam meio maluquete.

Ainda bem que Luigi (meu avô anarquista) me incentivava dizendo que conhecer nossa história é um jeito sensato de se politizar e saber a diferença entre fascismo e depreciação da cultura e democracia e lutas por direitos. Hoje sei que passear na urbe olhando o passado e pensando o presente é um jeito divertido de "sacolejar o espírito, criticar, autocriticar, transbordar" e enfrentar... (Chaveiro, 2019).

Rio de Janeiro, férias juvenis (1976), pertinho das ruas Maria Quitéria e Joana Angélica, num chopp do lado de fora do Bar Veloso (hoje Garota de Ipanema), na esquina da Rua Montenegro (atual Vinícius de Moraes)... Do "Poetinha", amante das palavras, do amor, da democracia, aposentado pelo AI-5, trago O operário em construção (1959)² pois foram estes trabalhadores que construíram as ruas do bairro de Ipanema e outros. Ruas que homenageavam os padrões de empreendimentos imobiliários no bairro: Barão de Ipanema, Montenegro (genro do Barão), Otávio Silva (atual Maria Quitéria) e Oscar Silva (Joana Angélica) (veja).

Otávio e Oscar eram familiares do sócio do Barão³. Num átimo de lucidez, os nomes de algumas dessas ruas foram mudados no centenário da independência (1922). Há cem anos, estivemos mais perto do século XXI... Nomes de ruas guardam muitas desigualdades. De gênero, como na cidade do Rio de Janeiro, em que 85% dos nomes de espaços públicos citavam homens (até 2018)⁴ (veja). De raça, como a homenagem à Maria Felipa de Oliveira - heroína baiana da independência, resgatada mais tardiamente do silêncio do racismo estrutural - no bairro Jacarepaguá, próximo a áreas invadidas por milícias⁵. Mas é a perspectiva colonialista, que enaltece ilustres, capitalistas, senhores de engenho, a que melhor traduz nosso país periférico que 'cultua' desigualdades. As homenagens nos espaços públicos revelam aspectos dinâmicos da identidade social que podem ser modificados por símbolos e atitudes. O conhecimento da história não pode se prestar a alardear erudição, limitar-se a reclamações vazias ou a depredações de patrimônios históricos. O engajamento, ao se apropriar do conhecimento, busca transformar realidades sociais. Daí, me vieram indagações às ruas que postam desigualdades nos metros quadrados de valores abissais... A Visconde de Pirajá (senhor de engenho, herói da Independência do Brasil) e a Vieira Souto (engenheiro, industrial, catedrático da Escola Politécnica RJ) são ruas principais de Ipanema. Maria Quitéria e Joana Angélica, em geografia sublime da praia à Lagoa, são transversais ao passar fervilhante do comércio elitista do bairro. Das favelas Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, também em Ipanema/Copacabana, avistam-se praias, lagoa, ilhas, Cristo Redentor, Dois Irmãos, Quitéria, Angélica,... E Marias, Joanas, Felipas, heroínas dos nossos dias, morro acima morro abaixo desenhando a história... A 'nomenclatura' que mais mata nas elegantes calçadas e nas escadarias sinuosas é a desigualdade social, de gênero, de raça, de sexo, xenófobas, discriminações várias, que reproduzem misérias, violências... A que envergonha é a colonialista. Pedro I gritou "Independência ou Morte" em 1822.

Mas foi Maria Leopoldina (Viena, 1797 - Rio de Janeiro, 1826) - Imperatriz Consorte - sua conselheira política, a grande articuladora da independência do Brasil. Leopoldina fora preparada para reinar, possuía sólida formação científica, cultural e política e abraçou o Brasil como sua pátria e os brasileiros como seu povo. Devemos à Princesa, a decisão de Pedro I permanecer no Brasil e de se separar de Portugal. Como Princesa Regente, enquanto Pedro I viajou a São Paulo⁶ para assegurar lealdade à causa brasileira, convocou sessão extraordinária do Conselho de Estado na qual se decidiu a separação entre Brasil e Portugal e foi assinada a declaração de independência, comunicada por carta ao Príncipe. Foi então que parou a comitiva, às margens do Ipiranga, e jurou liberdade ao Brasil. Leopoldina também se empenhou para acabar com o trabalho escravo. Amada pelos brasileiros, foi pranteada quando doente e, ao morrer, escravos bradavam: "*Nossa mãe morreu. O que será de nós?*" (veja) A rua em sua homenagem, transversal e pequenina, situa-se num espaço literário do Centro do Rio, cercada de sebos, teatros, nas proximidades da Rua Sete de Setembro e da Praça Tiradentes, hoje cercada de pessoas "sem-teto".

O que será de nós?

Até que as desigualdades superem questões de nomenclatura...
das ruas, dos matizes, das pátrias, dos artigos neutros...
muito ainda existe a se conquistar...

■ ■ ■

Notas: 1. Planta que causa intensas queimaduras.

2. Interpretação de Taquara, também alvo da Ditadura, com dezenas de canções censuradas.

3. Título nobiliárquico criado por D. Pedro II em referência à "Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema" em Sorocaba/SP.

4. A nomenclatura dos logradouros é da responsabilidade das Câmaras Municipais.

5. Condomínio Residencial Juliano Moreira (Projeto "Minha Casa, Minha Vida"). (veja).

6. Viagem em que Domitila e Pedro I se conheceram.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.